

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

A PARTE DO TODO - O ENSINO DE HISTÓRIA NUMA EXPERIÊNCIA DE CURRÍCULO INTEGRADO NA PANDEMIA

BRAGA, Harian Pires¹

Resumo:

A partir da Pandemia de Covid-19, em março de 2020 houve um grande esforço de readequação nas relações pedagógicas, uma vez que as aulas presenciais foram suspensas, sendo substituídas por modelos de interação remota, com diferentes estratégias. No caso da Rede Municipal de Campinas-SP, a escolha foi por um replanejamento que garantisse as bases das Diretrizes Curriculares Municipais, mas que pudesse manter vínculos mínimo das/dos estudantes com as escolas, utilizando atividades interdisciplinares. Nesse contexto, o Ensino de História, precisou rever alguns dos temas abordados, não apenas pela sua pertinência diante do mundo contemporâneo, mas também impossibilidade de trabalho pleno com aquele item numa interação remota. Este relato de experiência debate as adequações impostas ao Ensino de História e a integração com os demais componentes curriculares, reorganizando a proposta curricular em temáticas de problemas do cotidiano. A escolha temática e articulada, não significa uma supressão do saber histórico, pelo contrário, é um processo de prover sentidos contextualizados aos temas discutidos e apresentar as fontes históricas como possibilidade de leitura. Pondera-se também a pertinência desse trabalho com a retomada presencial.

Palavras-chave: ensino de história - currículo integrado- ensino pandêmico

1. O contexto de Pandemia na Rede Municipal de Campinas.

Em 16 de março de 2020 a Prefeitura Municipal de Campinas suspendeu as atividades pedagógicas presenciais em todas as suas unidades de ensino, seguindo determinações em curso no estado de São Paulo. A suspensão das atividades presenciais, uma medida de combate à Pandemia de Covid-19 não se limitou à rede municipal, mas a todos estabelecimentos educacionais, do Ensino Infantil ao Ensino Superior e foi amparada pelo Decreto Nº 20.768 de 16 de março de 2020 (CAMPINAS, 2020a). Naquele momento seria impossível definir o prazo da suspensão, já que a própria pandemia ainda era uma incógnita, com estudos em curso tanto para compreender a gravidade da doença, a circulação do vírus e mesmo a formas de combate. De todo modo, naquele início as

¹ Mestres em Educação Física e Sociedade pela Faculdade de Educação Física da UNICAMP, professor de Educação Básica na Secretaria Municipal de Educação de Campinas, harian.braga@gmail.com

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

incertezas não se limitavam apenas a mudança da interação pedagógica, mas também que instrumentos seriam utilizados para manter o contato com as/os estudantes e que abordagem curricular deveria ser pensada. O próprio trabalho docente estava em suspenso, já que os tempos pedagógico e a interação possível estavam em construção.

O que se tinha de início, depois de duas semanas de recesso, foi a base burocrática imposta pela Resolução SME/FUMEC nº 02, de 26 de março de 2020 (CAMPINAS, 2020b), no qual a relação pedagógica no Ensino Fundamental (EF) e na Educação de Jovens e Adultos (EJA) ocorreria com a utilização dos aplicativos do *Google*. Para reuniões e momentos síncronos, foi definido o *Google Meet*, com versão para computador e smartphone, permite teleconferências, com transmissão simultânea de imagem e som e a participação de diversas pessoas. Para as atividades, seria disponibilizado o *Google Sala de Aula*, também com versão para computador para smartphone, é uma plataforma em que é possível compartilhar diversos formatos de arquivos e aplicar atividades, que, por sua vez, podem ser respondidas pelas/os estudantes e, em seguida, corrigidas e comentadas por docentes.

Todo esse conjunto de serviços é atrelado a uma Conta Google, ou seja, um e-mail criado pela Secretaria Municipal de Educação (SME) e disponibilizado para estudantes e educadoras/es. No caso das/dos estudantes, o padrão adotado foi a inicial do nome e o RA, uma sequência de 11 dígitos. Já para as/os educadoras/es o padrão foi o nome.sobrenome. O que pode ser pensado como uma escolha neutra, acabou por ser um problema, já que a memorização do endereço de estudante já se transformou no primeiro problema. Mais à frente, mencionarei outros problemas enfrentados a partir dessas escolhas. Não houve qualquer treinamento prévio para o uso desses recursos, especialmente o *Google Classroom*, seja para educadoras/es ou para estudantes. Quem pretendesse conhecer melhor o programa poderia optar, livremente, por um curso *on-line*, alguns gratuitos, mas sem apoio institucional da SME.

A resolução estabeleceu a necessidade de um amplo replanejamento das ações pedagógicas desempenhadas nas Unidades de Ensino, justamente para garantir a sequência dos trabalhos a partir da suspensão das atividades presenciais. As reuniões de

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

trabalho seriam síncronas, por meio de vídeo chamada, no *Google Meet*, respeitando os horários de trabalho já estabelecido. O trabalho docente ainda teria a elaboração e o acompanhamento de Atividades Emergenciais de Apoio Pedagógica:

CAPÍTULO II DAS ATIVIDADES EMERGENCIAIS DE APOIO PEDAGÓGICO

Art. 7º Todos os Professores que atuam nas Unidades Educacionais e Programas, de que trata o Art. 1º desta Resolução, devem elaborar atividades emergenciais de apoio pedagógico para os seus alunos e inseri-las na plataforma Google Sala de Aula, observando:

I - o Projeto Pedagógico da escola;

II - o Plano Coletivo de trabalho;

III - o Plano de Ensino da Disciplina e da Turma;

IV - a realidade de enfrentamento ao novo coronavírus (Covid-19);

V - o cronograma que consta do ANEXO ÚNICO;

VI - o roteiro de atividade emergencial de apoio pedagógico que será elaborado pelos Coordenadores Pedagógicos da SME, GPEJA e Equipe de Coordenação Pedagógica do Ceprocamp e disponibilizado no endereço eletrônico

<https://sites.google.com/educa.campinas.sp.gov.br/sme-teletrabalho>, conforme cronograma que consta do ANEXO ÚNICO. (CAMPINAS, 2022b, p.4)

O ANEXO ÚNICO a que se refere o texto é um cronograma que estabeleceu a primeira fase das ações, colocando a periodicidade de roteiro como sendo semanal e faz menção a um Roteiro para Elaboração de Atividades Emergenciais de Apoio Pedagógico. Na prática esse documento nunca existiu, sendo substituído por um outro, com um escopo mais teórico e não tão pragmático como de um roteiro. Disponibilizado para as Unidades Escolares em 15 de abril de 2022, nove dias depois do prazo inicial e dois dias depois do início das postagens no *Google Classroom*, o “Documento Orientador para o desenvolvimento de ações mitigadoras e emergenciais de apoio pedagógico durante o período de suspensão de atividades escolares” (CAMPINAS, 2022c) balizou princípios a serem adotados para o trabalho escolar durante a suspensão das atividades presenciais.

Princípios para a organização do trabalho pela escola (destaque do original)

- Construção coletiva das atividades e interações propostas pelas equipes docente e gestora, mediada pelo orientador pedagógico, balizadas pelo Projeto Pedagógico e pelas Diretrizes Curriculares da SME;

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

- Consideração e valorização das experiências já construídas pelas escolas e comunidade no uso de plataformas digitais;
- Autonomia da escola, considerando as necessidades e a realidade de sua comunidade, fortalecendo os princípios da gestão democrática;
- Consideração dos princípios da educação inclusiva para garantir o acesso de todos os alunos às práticas curriculares da escola, sendo acompanhados, quando necessário, por conhecimentos, serviços e recursos especializados;
- Comunicação entre a comunidade escolar, mantendo-se diálogo constante, visando o aperfeiçoamento da acessibilidade e promoção de interação entre alunos e conhecimento. (CAMPINAS, 2022c)

Esses princípios balizadores demonstraram uma tentativa de garantir não apenas a autonomia de unidade escolar, com seus respectivos Projetos Pedagógicos, como também, não se limitar a ações estanques e pré-moldadas. A comunicação e o diálogo com a Comunidade Escolar deveria ser constante e fazer parte dos planejamentos, bem como garantir ações inclusivas e o respeito às experiências já vividas. Ora, não há aqui uma inovação teórica, já que esses preceitos estão presentes em diferentes documentos curriculares produzidos nas diferentes esferas públicas desde os anos de 1990. Os documentos curriculares de Campinas também caminham no mesmo sentido, mas a questão não é ser redundante, mas sim, garantir que esses princípios não fossem perdidos em meio a um processo de inserção de tecnologias educacionais padronizadas. As instruções mais afeitas à elaboração das atividades reafirmaram alguns dos princípios gerais já apontados:

Princípios a serem observados nas atividades e interações planejadas pelas escolas: (destaque do original)

Ressaltamos que, mesmo neste contexto de isolamento social, o trabalho pedagógico mediado pelas tecnologias digitais deve ser sustentado pelos princípios das Diretrizes Curriculares Municipais, dentre os quais destacamos:

- Valorização da experiência extraescolar dos alunos, promovendo um conhecimento contextualizado nas práticas sociais. Para isso, é importante que o professor considere que os alunos aprendem de várias

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

maneiras: lendo, vendo um filme, participando de um jogo, fazendo uma pesquisa, conversando com outras pessoas sobre temáticas diversas, fazendo experiências, entre outros;

- Promoção da postura investigativa do aluno, proporcionando-lhe situações didáticas planejadas que contribuam para o desenvolvimento de novos conhecimentos, por meio de abordagens interdisciplinares, pesquisas a partir de temas ou complexos geradores, e tantas outras propostas metodológicas que promovam o espírito investigativo;
- Educação para o exercício da cidadania, com ações que promovam a reflexão e análise dos problemas vividos;
- Apropriação e produção de cultura, compreendendo-a como produção humana nos diferentes campos, em que as crianças e jovens possam apreciar e experienciar manifestações culturais como dança, teatro, cinema, música, artes plásticas etc.

É justamente nesse trecho que temos o desenho de como deveria se desenvolver o trabalho pedagógico em tempos pandêmicos. As Diretrizes Curriculares Municipais (CAMPINAS, 2013; CAMPINAS, 2014) não poderiam ser desconsideradas, mas precisariam ser revisitadas e reinterpretadas, pensando que a inviabilidade conteúdos e metodologias já conhecidas estava posta, visto não haver mais o contato cotidiano presencial entre educadoras/es e estudantes. A própria ideia de um caráter mitigador já rompe com a tentativa de fazer a manutenção das práticas pedagógicas anteriores, uma vez que os objetivos deixam de ser conteúdo ou saberes já sistematizados e consagrados e passa a ser uma tentativa de diminuir as perdas pedagógicas, sociais e emocionais advindas da pandemia. Também se abre um espaço para que o protagonismo estudantil seja ampliado, já que a interação com o/a professor/a não seria mais presencial. Na prática, sobretudo, para crianças menores, isso significou a inserção de toda a família na sala de aula virtual e demandando um acompanhamento constante.

É possível ver o caminho no sentido da construção coletiva das atividades, tanto no seu planejamento, que não poderia ser mais pensado como uma célula autônoma na

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

escola, como um pensamento curricular que rompesse com situações estanques e já cristalizadas de hierarquias entre componentes escolares ou mesmo de descontextualização de conteúdos. Mais uma vez não se tem uma novidade no cenário educacional, o que ocorre é uma imposição material e formal para que o trabalho docente deixe de ser uma ação individual e dentro dos seus pressupostos epistemológicos e passasse a interagir ativamente com outros agentes e outras áreas do conhecimento. Tudo isso ponderado por um ambiente de relações totalmente novo para muitas/os: ambiente virtual, fosse pela tela de computadores ou de celulares; por texto, por áudio ou por vídeo chamada. Em síntese, uma mudança não apenas nas práticas pedagógicas, mas na própria relação interpessoal, sobretudo no ambiente de trabalho.

Toda essa longa contextualização de como a Rede Municipal de Campinas organizou o trabalho educacional na pandemia é necessário para que se possa entrar na discussão mais importante desse trabalho, que é pensar como a disciplina de História pode ser pensada numa escola com os Anos Finais do Ensino Fundamental e da Educação de Jovens e Adultos. A escola apresentada aqui, a EMEF/EJA Prof. André Tosello é meu local de trabalho desde 2018 e está localizada no distrito do Ouro Verde, região Sudoeste de Campinas, distante cerca de 12 quilômetros do centro da cidade, na região mais densamente povoada e que abarca tanto bairros de classe média, quanto zonas de ocupação pobres, recente e não regularizadas.

A proposta deste trabalho, um relato de experiência, é mostrar algumas ações tomadas na pandemia, mas também refletir seus limites e suas potencialidades, especialmente com o retorno presencial. Por isso, trago exemplos em como o Ensino de História articulou-se com o trabalho pedagógico da escola, sem ser descaracterizado, mas também ganhando novas concepções. As experiências relatadas buscam pensar atividades desenvolvidas tanto em 2020, em que o ensino presencial marcou todo o ano letivo, quanto em 2021, no qual houve uma retomada do ensino presencial, de forma gradual a partir de abril, até a obrigatoriedade total em novembro.

2. O Ensino de História em meio à pandemia.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Assim como os demais componentes curriculares, o Ensino de História não poderia ser mantido como no planejamento inicial, não apenas pela estrutura proposta pela SME, como por uma questão metodológica: a interação docente não presencial mina qualquer possibilidade de exposição inicial e de consequente debate sobre os temas. Ao apresentar uma atividade de História, em meio remoto, ela precisa pressupor que cada estudante terá uma forma de recebê-la e a assimilar. Se isso ocorre já em sala de aula presencial, com uma sala de aula virtual o fato é superlativado e passa a ser até mesmo um impeditivo para a realização de terminadas atividades. Mais ainda, não há a possibilidade auxílio imediato, seja por colegas ou por um/uma docente.

Tendo isso em vista, não seria possível continuar com a apresentação teórica e cronológica de conteúdos, pois isso poderia significar não apenas um fracasso na realização das atividades, como um processo antagônico à ideia de mitigar a situação pandêmica. Também haveria uma perda na coletividade, pois, mantendo uma concepção de História sem adequações, o que se teria é um encastelamento do saber e uma dificuldade latente de diálogo com os demais componentes. Assim, assumindo que há perdas no processo de ensino e de aprendizagem e que os conteúdos dispostos de forma cronológica, tradicional, não dariam conta das especificidades do momento. O caminho seria pensar a base do Ensino de História, o que a disciplina ensina como área do conhecimento e não como sucessão de conteúdos consagrados. Noutras palavras, em vez de pensar que um/uma estudante precisa aprender sobre a Revolução Francesa ou a Proclamação da República no Brasil, adota-se a ideia de que se deve pensar de forma histórica, compreendendo o tempo, as transformações e as permanências humanas.

Evidente que esse não é um exercício fácil, uma vez que mesmo no Ensino Superior, a organização do conhecimento histórico ainda se organiza de modo cronológico. Desconstruir a própria noção de História é fundamental, mas não é um trabalho que se faz de pronto, mas é um processo em construção. O ensino pandêmico é catalisador desse processo, mas não o faz ser perfeito, pelo contrário. A mudança na forma de enxerga o Ensino de História significou um embate formativo, pois novos referenciais tiveram de ser conhecidos, num momento em que a formação em serviço precisou

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

conviver, em tempo contínuo, com as demandas pedagógicas e burocrática do cotidiano escolar. É também uma tensão pois não se vê, de imediato, como as/os estudantes estão recebendo essas mudanças, o que pode significar que não possível fazer a avaliação a contendo tanto do trabalho discente quanto do docente.

Há ainda uma questão de que se pode estar, em nome do trabalho coletivo, abrindo mão de preceitos que são basilares para que se tenha uma compressão histórica. Novamente, a seleção desses preceitos não pode mais se limitar à escolha de temas baseados numa cronologia, mas sim em conhecimentos que possam ser vivenciados de modo amplo e que ajudem na compreensão de diferentes momentos históricos. Assim, mais uma vez, o caminho não seria escolher o que se aproxima do tema coletivo trabalhado, mas, a partir dele, historicizar, ou seja, dar contornos de um pensamento histórico e aceitar que não seria possível garantir tudo aquilo que se ensinava antes da pandemia, no trabalho individual na sala de aula física.

Cabe aqui ressaltar como a EMEF/EJA Prof. André Tosello organizou seu trabalho. Para garantir os pontos de contato interdisciplinar, o coletivo da escola dividiu, nos Anos Finais do Ensino Fundamental, as postagens de atividades em quatro grandes áreas: Linguagens, Ciências Naturais, Ciências Humanas e Matemática. Essa divisão é presente desde os anos de 1990 com a constituição dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e está presente também na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Com essa divisão, as atividades de Ciências Humanas colocaram em diálogo História e Geografia. No lugar de um ensino focado em conteúdos disciplinares, a escolha foi por grandes temas que pudessem dialogar com as/os estudantes como Pandemia e Saúde, Mulheres, Família, Eleições, Africanidades, Regiões do Brasil, entre outras.

Já na EJA a escolha foi por pensar atividades que envolvessem todos os componentes curriculares, sendo que não necessariamente haveria um protagonismo de todos em todas as atividades. O menor número de salas quatro, a metade do Ensino Fundamental, o número menor de docentes e as próprias demandas da modalidade fizeram com que a escolha caminhasse num sentido de maior integração. As Diretrizes Municipais de EJA – Anos Finais (CAMPINAS, 2013) já apontavam para esse caminho,

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

trabalhando não por conteúdos, mas sim por objetivos gerais e específicos do componente, como retratado na Figura 1 e na Figura 2. Além dessas atividades postadas semanalmente, a EJA tinha o contato síncrono semanal, chamado jocosamente de “Live”, quem as atividades eram apresentadas, debatida e havia um contato, ainda que incipiente com as/os estudantes. Entre os temas escolhidos, o Trabalho, a Agricultura, os Povos Originários, a Uberização e a Desigualdade Social.

Figura 1 – Objetivos Gerais para a EJA

PARTE II – EDUCAÇÃO E TRABALHO – O TRABALHO COMO EIXO ARTICULADOR DO CURRÍCULO	
OBJETIVOS GERAIS	
<ul style="list-style-type: none">• Desenvolver uma visão atualizada e crítica do mundo do trabalho a partir das experiências dos educandos;• Relacionar os conteúdos formais estudados e as diversas possibilidades de utilizá-los nas situações da vida cotidiana, objetivando a melhoria da qualidade de vida dos sujeitos e dos grupos sociais;• Entender o sistema de organização social e de produção material historicamente construído pela humanidade, objetivando a participação cidadã e atuação crítica dos indivíduos na transformação da sociedade atual em uma sociedade mais justa e igualitária;• Desenvolver posturas para aprendizagens: curiosidade, interesse, mobilização para a busca e organização de informações, autonomia e responsabilidade na realização de suas tarefas;• Formar um aluno leitor e produtor das variadas linguagens;	<ul style="list-style-type: none">• Compreender as diferentes tecnologias da sociedade letrada e saber fazer uso delas;• Analisar criticamente as informações dos mais variados meios midiáticos: rádio, televisão, imprensa escrita, internet como espaço de informação/contra-informação e disputa de ideias;• Formar um aluno construtor e produtor de conhecimento, que saiba relacionar os diversos objetos de estudo aos seus saberes prévios;• Desenvolver posturas de respeito para com o meio ambiente e de busca de alternativas para um desenvolvimento sustentável;• Desenvolver valores que contribuam para a formação ética dos educandos tais como tolerância, justiça, honestidade, solidariedade, alteridade, responsabilidade e respeito.

Fonte: Educação Conectada Campinas. Disponível em: Disponível em: https://drive.google.com/file/d/0B41CfVuMnqnsRlc1eXJDQzIVOUk/view?resourcekey=0-eMnPcGCPI_W5-RNlwAYng. Acesso em: 27 de jun. de 2022.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Figura 2 – Objetivos de História para EJA.

OBJETIVOS GERAIS DE HISTÓRIA	
<ul style="list-style-type: none">• Refletir e debater sobre o estudo da História, sua importância na formação enquanto sujeito histórico e no próprio exercício da cidadania;• Ser capaz de enxergar a si próprio e a realidade local, regional, nacional e global, sob a perspectiva histórica;• Caminhar no sentido da construção e constituição da identidade histórica, tanto pessoal quanto coletiva e/ou social;• Entender que suas experiências e saberes são formas de compreensão do mundo que devem ser valorizadas e trabalhadas;	<ul style="list-style-type: none">• Ser capaz de observar, descrever e estabelecer relações entre presente e passado, desenvolvendo as noções de semelhança/diferença, permanência/mudança e relações sociais;• Compreender que os processos históricos se dão a partir de conflitos de interesses e que o conhecimento destes processos também está marcado pelos embates ideológicos presentes na sociedade;• Interpretar diferentes fontes históricas e contextualizá-las, elaborando conhecimentos.

Fonte: Educação Conectada Campinas. Disponível em: Disponível em: https://drive.google.com/file/d/0B41CfVuMnqnsRlcl1eXJDQzIVOUk/view?resourcekey=0-eMnPcGCPI_W5-RNlwAYng. Acesso em: 27 de jun. de 2022.

3. Exemplos de atividades

A ideia primordial das atividades sempre foi de usar fontes para que se pudesse trabalhar o tema em questão. Essas fontes poderiam ser tanto textos escritos, quanto imagens, áudios e vídeos. O cerne das atividades foi transitar por diferentes tipos de fontes, mas também garantir momentos de contato com elementos artísticos culturais, ampliando o capital cultural dessas/desses estudantes. Além de fontes mais tradicionais, com documentos já consagradas pela historiografia, fez-se uso de músicas populares, quadrinhos e até mesmo redes sociais como forma de materializar partes das discussões de cunho histórico. Também se buscou ferramentas que garantissem visitas virtuais a museus ou mesmo à própria cidade, uma tentativa de vivenciar estudos do meio que aconteceriam no ambiente presencial.

Os exemplos retratados a seguir não significam um sucesso pleno, pelo contrário, em muitos casos aquilo que foi pensado originalmente não foi possível de ser realizado, justamente porque a condição material de um ensino baseado em interações virtuais não é 100% eficaz. Se a própria configuração do e-mail, com uma grande sequência de

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

números já seria um limitador, a questão da inclusão digital se mostrou gritante ao longo do tempo, mesmo quando SME ofertou chip com dados de internet móvel ou, mais ao final do período pandêmico *chromebooks* para o acesso remoto – limitado apenas aos Anos Finais do Ensino Fundamental.

A dificuldade de utilizar aplicativos para além dos cotidianos de troca de mensagens e de redes sociais foi gritante, independentemente da idade. Acessar um e-mail, formatar um texto ou mesmo efetuar uma pesquisa, ações que parecem simples, foram muito mais complexas. Estar sempre conectado com um smartphone não significa saber utilizar ferramentas digitais. Se há uma desigualdade no acesso a bens físicos, a não compreensão de ferramentas digitais é também uma marca de exclusão. Assim, mesmo que as atividades fossem pensadas de modo detalhado, esbarram em questões como instabilidade de dados, aparelhos incompatíveis, dificuldades de acessar e-mail, de digitar, de leitura em tela e mesmo de guardar uma senha de acesso. Na EJA a situação foi ainda mais agravada, não apenas por uma questão etária, mas pela dinâmica de trabalho e de cuidar da família ser, em muitos casos, incompatível com o estudo. A escola era, antes da pandemia – e voltou a ser -, o momento de quebra da rotina diária para um outro momento, o que não é possível por meio de um computador.

Se as atividades, quando virtuais, atingiram cerca de um quarto das/dos estudantes, não significa que pontualmente os resultados foram ruins. Alguns/algumas estudantes conseguiram desenvolver boas atividades, sobretudo quando demandado a leitura, a escrita e a pesquisa. As atividades remotas foram utilizadas ao longo do retorno parcial, a partir de abril de 2021, o que significa que foram fundamentais para que não houvesse uma nova quebra e uma nova exclusão, com estudantes que se sentiram seguros para o retorno, em contrapartida para estudantes que não se sentiram, naquele momento, à vontade para retomar. Mais ainda, cada atividade é, em si, uma construção e um início de um trabalho, assim, serve como ponto de reflexão e de replanejamento, mesmo que não tenha atingido todo o objetivo proposto.

Na Figura 3 temos o *card* de um dos episódios do *podcast* ToselloCast, em que o coletivo de educadoras/es envolveu-se na elaboração e no qual eu atuei como articulador

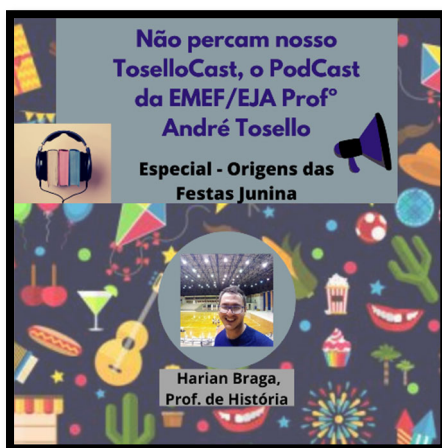
HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

e editor. A ideia era fornecer um complemento as discussões propostas nas atividades, com entrevistas, música e dicas culturais. A iniciativa mobilizou diferentes agentes na escola ao longo dos dois anos, incluindo o trabalho articulado com estagiárias/os dos cursos de Licenciatura da UNICAMP, porém teve um alcance limitado com as/os estudantes. Avaliando o projeto, percebemos que o uso de *podcast* ainda que em ascensão no Brasil, tem um recorte de classe e mesmo de idade, o que fez com que se buscasse a alternativa de publicação no *Youtube* como vídeo.

A grande potencialidade desse formato foi criar mapas mentais em alguns episódios, com a ajuda decisiva das/dos graduandos em estágio. O tempo de edição é um limitante ao projeto, ainda mais quando se teve o retorno presencial, por isso a importância que sua composição seja feita com estudantes, uma tentativa em curso em 2022, na EJA. É preciso ter em mente, assim com o trabalho iniciado em outras redes sociais, com publicações no Instagram e vídeos explicativos no *Youtube*, que este é um trabalho de formação de público, assim, o grande mote é divulgar e manter ativo o trabalho, mais do que conseguir uma grande sequência inicial de interações.

Figura 3 – Card do ToselloCast sobre Origens das Festas Juninas



Fonte: Reprodução de atividade própria.

Na Figura 4, temos duas fotos de uma das principais avenidas da região da escola. A primeira, uma recuperação feita pelo perfil do *Instagram* @memoriacampineira, apresenta a avenida na década de 1990, ainda no início de urbanização. Já a segunda

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

imagem, retirada do *Google Maps*, de 2018, mostra a área já urbanizada e com um setor de serviços instalado. A possibilidade de olhar para o cenário local é fundamental na composição de um pensamento histórico. A História não se faz apenas em grandes locais, com grandes acontecimentos, mas também no cotidiano, no entorno dos lugares que se frequenta. As transformações desses locais podem contribuir para um pensamento histórico que faça com que estudantes se percebam agentes históricos.

O limitante do trabalho é que nem sempre essa História local está disponível e de fácil acesso. Percorrer as possibilidades de acesso a essas fontes, em arquivos, museus, bibliotecas e centros de cultura é uma boa iniciativa. Mas ela se completa também com os registros particulares, as memórias de pessoas mais velhas, ou como neste caso, com o uso de redes sociais. É provável que esse tipo de perfil, memorialista ou mesmo um de divulgação científica, não seja o preferido de adolescentes, mas é necessário que se mostre essa possibilidade uso e, no caso de adultos, que se faça essa inclusão digital.

Figura 4 – Fotos comparando a região da escola



Fonte: Reprodução de atividade própria.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Figura 5 – Atividade sobre Dia Internacional das Mulheres

Um dos grandes fenômenos da Cultura de Massas (cultura produzida e consumida no mundo todo) são os super heróis. Seja no cinema ou em sua mídia original, os quadrinhos, muitas dessas histórias falam sobre o momento em que são produzidas trazendo polêmicas. Uma delas é como as mulheres são retratadas nos desenhos. A discussão foi tão grande nos últimos anos, que a Marvel, maior editora de quadrinhos do mundo, refez muitas das suas personagens femininas não apenas no desenho, mas como atuavam. Temos a seguir o exemplo da Ms. Marvel. Observe as duas imagens a seguir e diga quais as diferenças entre elas ao retratar o corpo feminino e qual explicação você daria para essa mudança.



Capa de Ms. Marvel Vol. 1: Best of the best (mar/2007), arte de Frank Cho (esq.). Capa da variante Ms. Marvel # 2 (mar/2014), arte de Jorge Molina. (dir.)

Fonte: Reprodução de atividade própria.

A Figura 5 é parte de uma atividade composta por um texto introdutório de autoria própria falando sobre a importância do Dia Internacional das Mulheres e os Movimentos Feministas, seguido de uma pergunta de interpretação sobre o texto. A segunda parte foi uma série de três perguntas relacionando duas canções (Ai ! que saudades da Amélia, de Ataulfo Alves e Mário Lago de 1942 e Desconstruindo Amélia, de Pitty, de 2011). Por fim, duas representações femininas de História em Quadrinhos, na qual a/o estudante deveria apontar diferenças e similaridades. Ora, nessa atividade a temática mulher foi pensada por parâmetros históricos, apresentando, por dois grupos distintos de fonte, a representação feminina ao longo das últimas oito décadas. A interpretação inicial, sem intermediação não foi tão exitosa, pelo desconhecimento das canções e das personagens, mas com o acompanhamento e o debate, bons resultados foram possíveis.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

4. Considerações Finais

O trabalho docente na pandemia foi ampliado e em muitas vezes posto num limite em que a vida privada e o trabalho se misturam. Esse desgaste estrutural foi acompanhado por problemas na manutenção do vínculo efetivo com muitas/os estudantes. Ao mesmo tempo foi a possibilidade de repensar as práticas pedagógicas, até então estabilizadas pelo cotidiano escolar. O desafio pandêmico impôs repensar várias práticas, o que no Ensino de História, pode ser um momento de quebra de paradigmas e de ousar novas interações, que utilizem ferramentas digitais. A boniteza, como fala Paulo Freire (FREIRE, 2020), vem dessa relação viva com estudantes na medida em que não apenas se ensina um conteúdo, mas se dialoga uma vida. Verdade seja dita que com o retorno presencial, a supressão de tempos de planejamento e conservadorismo de retomar aulas desconexas do entorno voltaram. Mas o desafio, boniteza, está justamente na luta diária e nas tensões do cotidiano escolar. E o Ensino de História não pode se privar desse embate.

Referências

CAMPINAS. *Decreto N° 20.768 de 16 de março de 2020 – Dispõe sobre a suspensão de todas as atividades escolares nas Unidades Educacionais que compõem o Sistema Municipal de Ensino de Campinas. Diário Oficial do Município de Campinas, Campinas, SP, ano 49, n.12287, 17 de março 2020a. Disponível em: <http://www.campinas.sp.gov.br/diario-oficial/>. Acesso em: 27 de jun. 2022*

CAMPINAS. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica para o Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos Anos Finais - um processo de reflexão e ação.** Campinas: SME, 2010.

CAMPINAS. **Documento Orientador para o desenvolvimento de ações mitigadoras e emergenciais de apoio pedagógico durante o período de suspensão de atividades escolares.** 15 de abr. 2022c. Disponível em: <https://sites.google.com/educa.campinas.sp.gov.br/sme-teletrabalho/ensino-fundamental?authuser=0>. Acesso em: 28 de jun. 2022.

CAMPINAS. *Resolução SME/FUMEC N°2, de 26 de março de 2020. Diário Oficial do Município de Campinas, Campinas, SP, ano 49, n.12296, 27 marços 2020b. Disponível em: <http://www.campinas.sp.gov.br/diario-oficial/>. Acesso em: 27 de jun. 2022.*

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia.* Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2020.